

Literaturas africanas em compasso de resistência.

Maria Nazareth Soares Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

*o cortejo dos homens e das coisas
passa negligente
para além dos porões da memória
(Arlindo Barbeitos)*

.....
*Lembranças registadas (sic)
desmentindo datas
não confundidas, só,
porque para sempre assim
regularmente
a confirmar a história.
(Ruy Duarte de Carvalho)*

Os processos de transformação do mundo, intensificados na época atual com o avanço dos recursos tecnológicos postos em prática, parecem ameaçar, com a velocidade com que propiciam mudanças e alterações, grande parte da reserva de memória das populações mais pobres do planeta, das hordas dos “condenados da terra”, afligidas pelas disparidades econômicas postas em evidência pelo fenômeno da globalização do mercado. Em contrapartida, essas mesmas hordas de despossuídos, carentes de bens e de justiça, criam estratégias de ocupação de espaços, expondo-se, ameaçadoramente às vezes, ao modelo que as extermina aos milhares. De forma paradoxal, o mesmo processo – o avanço das novas redes de comércio e do uso de recursos tecnológicos – que possibilita armazenar e guardar o que nos resta de memória, e, por isso, fomenta a obsessão pela posse de novas possibilidades de arquivamento e restauro de informações e documentos, também acelera a perda da memória dos que não têm condições de preservá-la.

É o temor do desaparecimento que nos faz recorrer às novas tecnologias como possibilidade de preservação da memória, para atenuar o receio de que cada vez mais se apaguem os traços da relação do homem com os seus ancestrais. Registrar e arquivar o nosso passado, afirma Fausto Colombo, parece ser hoje um procedimento extremamente necessário e indispensável para se formarem depósitos de recordações, arquivos e outros fragmentos de memória. (COLOMBO, 1991, p. 19). Talvez sem se prenderem a essa intenção explícita, os versos de Ruy Duarte de Carvalho, de Angola, alheios à eficiência das maravilhosas máquinas que nos ajudam a fomentar os bancos de dados, os cadastros, os arquivos que nos dão a ilusória certeza de que conseguimos armazenar e preservar o que nos resta de memória coletiva, ritualizam um tempo em que o mundo era ordenado, porque os deuses, os ancestrais, cuidavam de nossas dúvidas, de nossas indagações:

*“No princípio era uma gota de leite.
Então Doondari veio e criou a pedra.
Depois a pedra criou o ferro*

*o ferro criou o fogo
o fogo criou a água
e a água criou o ar” (CARVALHO, 1989).*

No mundo de agora, as proezas técnicas, que reconfiguram feições e armazenam dados com uma velocidade assustadora, podem nos facilitar a vida, asseguram-nos os apaixonados navegantes do ciberespaço, porque agilizam as filmagens, as micro-filmagens, ampliam os nossos sentidos e a nossa capacidade de processar informações. Seus defensores acreditam que as civilizações nunca voltaram para trás e que os inventos servem de *background* para novos inventos (DOMINGUES, 1997, p.15). Um pouco assustados ainda com o que imaginávamos advir do poder devastador do aparato tecnológico, começamos a nos adaptar às possibilidades que nos trazem os novos tempos. Passado o grande susto sobre a possibilidade de substituição total do Homem por máquinas, mas reiteradas as conseqüências inevitáveis de uma globalização perversa, que acentua as divisões entre os que continuam a acumular riqueza e poder e a multidão de pobres que põem rostos, milhões de rostos na “praga da pobreza”, exigindo condições de sobrevivência, podemos perceber uma tentativa de humanização da tecnologia e de utilização menos cruel dos recursos produzidos pelas novas tendências de mercado.

A referência a essas perplexidades e inquietações que se mostram todos os dias nas páginas dos jornais e nos noticiários da TV tem aqui o propósito de se ressaltarem aspectos e tendências de preservação da memória e de identidades de grupos que se desenvolvem, na época atual, tentando associar tradição e avanços tecnológicos, procurando aperfeiçoar possibilidades que impeçam o esquecimento.

Tais projetos vêm sendo motivados pela necessidade de se retomarem as tradições coletivas, principalmente em espaços que, situando-se fora da escala dos países ricos, ficam na “incômoda vizinhança” dos que, aos poucos, vão sendo alijados dos grandes pactos econômicos.

É essa consciência de preservação que norteia o fazer literário de espaços onde a tradição oral é a força vital que se dissemina em rituais e textos que procuram captar tons de voz, movimentos do corpo e se voltam para o registro de dados significativos da memória. Tais textos, modelando-se a partir de apelos fortes de tradições orais, querem-se eles mesmos capazes de salvar do esquecimento as tradições que reverenciam e, por isso, se organizam na relação com modos vivos de comunicação poética (ZUMTHOR, 2000).

Especificamente, neste momento, vou me ater ao esforço que as literaturas africanas de língua portuguesa têm feito para furar a barreira dos grandes mercados editoriais e exporem-se como escuta de ecos da tradição ancestral. Fragmentos, cacos de memórias coletivas tecem textos que dialogam com tradições invocadas por cantos e rituais de gestos e de palavras. A recepção desses textos, efetivada muitas vezes distante do contexto de sua produção, tem revelado aspectos interessantes de um diálogo que procura revitalizar tradições silenciadas, ainda que essas aflorem já ressignificadas ou fortalecidas por laços que o tempo parecera afrouxar. Mas, por alguma razão inusitada, os textos das literaturas africanas, particularmente aqueles que se apropriam da voz e de gestos e resgatam

performances da tradição ancestral, despertam sensações que o nosso corpo recupera no ato da leitura, quando o barulho da voz nos invade de sensibilidade.

Para se compreenderem aspectos de tendências que se concretizam em movimentos de revitalização que se fortalecem na época atual, penso ser necessário explicitar o modo como alguns conceitos estão sendo apropriados na análise de ações que se organizam em torno da memória e do esquecimento.

Ao refletir sobre tendências de recuperação e de preservação legitimadas pelas modernas sociedades, o historiador francês Pierre Nora, em *Les lieux de mémoires* (1985), observa que a busca do passado empreendida pela história decreta a extinção das tradições e de seus significados, porque essas tradições, no mundo moderno, só podem ser recuperadas a partir de uma visão crítica que não faz parte do modo ritualístico com que os mistérios do mundo eram cultuados no passado. O teórico ainda observa que é o temor ao desaparecimento que acaba por fortalecer a certeza de que a recuperação do passado só pode ser efetuada enquanto ilusão, já que os costumes e as tradições resgatados aludem à morte de um tempo em que essas tradições eram cultuadas coletivamente, integradas ao tipo de vida que não existe mais. Paradoxalmente, é o medo do desaparecimento – descrito por teóricos como Pierre Nora, Jean Baudrillard, Andreas Huyssens, Stuart Hall e Beatriz Sarlo dentre outros – que se evidencia nos suportes da memória, onde grupos e minorias organizam sistematicamente os seus arquivos e mantêm a preservação das tradições, revividas por celebrações e renovadas por rituais. Tal tendência, intensificada com a mesma velocidade com que o mundo se transforma, entretanto, parece não mais acreditar que museus, arquivos ou bibliotecas possam ter o poder supremo de preservação, e por isso se ampara na consciência de que precisam ser cultivados rituais e celebrações, os únicos meios que nos restam de “restaurar o sabor das coisas e os ritmos lentos dos tempos antigos” (NORA, 1984: 8). Assim, mesmo diante da certeza de que é impossível salvar o que se perdeu, pode-se fortalecer o entendimento de que os lugares de preservação, construídos como templos da memória, são também produtores de ressurreições, porque viabilizam negociar uma nova relação com o passado, com o transitório e com a morte (HUYSEN, 1997).

É com relação a propostas acentuadas na época atual, voltadas à escuta de vestígios de tradições localizadas e à apreensão dos resíduos de culturas ancestrais, que se pode buscar no que Pierre Nora denomina de “lugares de memória, – vistos como as “últimas encarnações de uma consciência da memória”, própria de uma sociedade historizada que não cultiva a memória, pois a abandonou ao fortalecer uma visão crítica de si mesma – subsídios para se compreenderem os conflitos vividos pelas sociedades contemporâneas com relação à morte/recuperação da memória. Nessas sociedades, ao ser acelerada a destruição das bases da memória coletiva espontânea – como se deu em processos de industrialização que esmagaram culturas e tradições rurais, ou na descolonização de partes da África, onde minorias étnicas possuidoras de reservas de memória, mas de escasso capital histórico foram alijadas do processo de modernização – desenvolve-se uma consciência de alerta diante dos riscos de perda definitiva do passado. Nascem, desse paradoxo, os “lugares-símbolo” indicadores do mal-estar dos nossos tempos e da certeza de que a memória coletiva espontânea, porque não pode ser mais vivida, só pode ser resgatada através de comemorações ou na figuração privilegiada por um tipo de literatura que se faz como celebração de cantos e gestos. Nesse processo, uma visão nostálgica da

tradição cede lugar à aceitação de mudanças e metamorfoses que mostram as tradições como um processo que se altera para não se extinguir. Os “lugares de memória”, incorporados por novas tendências, mostram-se como espaços híbridos porque explicitam intercâmbios entre celebração e espetacularização, perda e apropriação, coleção e dispersão. Esses significados não podem ser vistos, no entanto, como pólos diferenciados de uma oposição binária, mas formadores da consciência de que o desaparecimento é a diferença ou o desvio diferencial da reconstrução imaginativa (GONÇALVES, 1996: 30).

Pierre Nora, ao discutir os “lugares de memória”, mostra uma visão pouco otimista do que ele denomina de “materialização da memória”, percebendo-a como tendência do mundo contemporâneo de reencontrar, imaginativamente, as suas origens. Mas o seu raciocínio nos permite distender os sentidos construídos pelo conceito e perceber os “lugares de memória”, através do alargamento de fronteiras que esses lugares e os significados produzidos por eles propiciam. É esse raciocínio que nos permite compreender que a sociedade precisa criar, deliberadamente, espaços destinados à preservação – arquivos, museus, rituais, festivais, exposições e monumentos – para impedir que a memória seja abolida, exatamente porque está alicerçada na morte das tradições. Nesse aspecto, os “lugares de memória” são sempre espacialidades tensionadas, pois ligam-se a tendências em conflito: nascem da certeza de que aquilo que evocam foi destruído pela erradicação da memória pela história; ao mesmo tempo, definem-se pela consciência de que a memória, para não ser irremediavelmente esquecida, precisa ser celebrada. Vistas, pois como antagônicas, morte e restauração não deixam de estar vinculadas ao mesmo processo instituído pelas sociedades atuais, para as quais exposições, celebrações, arquivos são a única condição de preservação da memória e de fatos, historicamente definidos.

As tendências de preservação características do mundo contemporâneo, configuradas por determinadas construções e instituições que lidam com as “ilusões de eternidade”, fortalecem a discussão de diferentes processos de preservação, postos em prática tanto pelo que Nora denomina de “lugares de memória”, quanto, em extensões propiciadas pelo conceito proposto, por um tipo de literatura que se constrói com base em tradições localizadas. Em muitos dos textos próprios dessas literaturas expõem-se os mecanismos de resgatar e exibir que formalizam um modo de recuperação do passado e de seus significados e de processos de revitalização característicos da época atual.

É nesse sentido que, pensando na produção de sentidos elaborada na instância da produção dessas literaturas, quanto no da recepção, que se dá, muitas vezes, distante do contexto cultural que a produção do texto procura reverenciar, faz-se necessário destacar peculiaridades que se mostram, no caso específico das literaturas africanas de língua portuguesa, em textos que dialogam explicitamente com feições particulares da cultura que os produz. Refiro-me, por exemplo, à decisão do angolano Ruy Duarte de Carvalho de não camuflar o seu olhar de estudioso da diversidade étnica de seu país nos textos que produz na mediação entre observação e figuração, relato e criação. Ao resgatar, por exemplo, os falares de seu povo e trazer para as páginas do livro alguns materiais de origem africana reconvertidos em poesia, diminui a distância entre escrita e oralidade, ao mesmo tempo que transporta para a escrita a carga poética que também está presente no labor do antropólogo. O mesmo trabalho de tradução, de reconfiguração que pode ser apreendido no livro *Hábito da terra*, de 1988, e em *Ondula Savana branca*, de 1989, aparece no livro do mesmo autor

Vou lá visitar pastores, recentemente editado no Brasil, organizado a partir da observação/figuração do cotidiano de alguns pastores kvale, observados na província do Namibe, no sudoeste de Angola. O livro se mostra como um relato de cunho etnográfico que não impede que características da escrita literária surpreendam o leitor que acompanha a descrição de percursos do autor pelo território Namibe, “onde há uns que dão nas vistas”, como ressalta o texto, no subtítulo do capítulo inicial. A produção do livro permite que a literatura apareça no relato transcodificado de fitas cassetes que o autor foi gravando à medida que percorria “o teatro de minha aplicação”, conforme afirma. (p. 15). Apreendem-se, no projeto desses livros, determinadas condições que também se mostram em textos especificamente literários das literaturas africanas de língua portuguesa, nos quais se observa o desejo de se preservarem tradições e a consciência de que se precisa manter uma “certa vigilância comemorativa”, para impedir que a história varra rapidamente para longe o que resta de tradições nas culturas enfocadas. Com essa intenção, o texto literário volta-se para a reverência a tradições de grupo e à escuta do que se perdeu em termos de memória coletiva, elaborando-se no âmbito das contradições características dos “lugares de memória” já que a própria escrita é atravessada por essas contradições. Por exemplo, pelas tensões que a letra acentua entre memória e amnésia, entre esquecimento e preservação e entre a reverência à tradição e a transformação do texto e do próprio livro em objeto de consumo, o que pode acarretar, às vezes, nesse percurso de feição comercial, a perda de muitas das tradições reverenciadas. Não é essa tensão entre reverência e consumo que se vem fortalecendo de alguma maneira com os livros de Mia Couto, de Moçambique, avidamente procurados pelos leitores de lugares os mais diferentes como referência a um tempo que nos escapa porque, como nos diz o autor também Moçambique vai desgarrando-se de suas tradições e voltando-se apenas para os investimentos modernos?¹ . Ou, ainda, na urgência com que os leitores exigem de autores como Luandino Vieira e Paula Tavares e de outros a publicação de novos livros que efetivem a possibilidade de um contato mais próximo com uma memória que, sendo dos escritores, também acolhe o que nós, leitores, vamos perdendo em termos de tradições? O que lemos de nós nesses textos que evocam lembranças e cenários inusitados que visitamos em devaneios, em sonhos? O que procuramos reverenciar quando nos vemos refletidos em muitos dos poemas de Paula Tavares, os quais nos falam de tradições distantes de nós, mas também nos possibilitam resgatar sonoridades outras que acordam sensações e encantamentos? Que “lugares de memória” esses textos nos ajudam a construir e a reverenciar?

Muitos textos das literaturas africanas de língua portuguesa, particularmente aqueles que celebram tradições do universo dos cantos e gestos, do prazer e da alegria da dança, ainda que permeados pelos conflitos particulares de guerras, de mutilações e perdas irreparáveis, acordam em nós dados significativos da memória e do passado. Fica evidente, entretanto, que a literatura que se volta para a preservação de tradições, como os “lugares de memória”, só pode lidar com cacos, ruínas, com aqueles restos que são como “as conchas que aparecem na praia quando o mar da memória viva já recuou” (NORA, p. 8). São ilusões de permanência, mas traduzem a nossa relação com o passado e com as coisas que se vão (des)tecendo num mundo que se transforma velozmente. Em muitos desses textos, a escrita assume um elo maior com o “dizer festivo” da vocalidade (será por isso que nos encantam?), buscando enfraquecer a dicotomia oral/escrito proposta por McLuhan e retomada por outros estudiosos que percebem os dois campos sempre em oposição.

É como possibilidade de se repensarem essas fronteiras que se enfraquecem na escrita literária que acolhe as performances, a voz e o gesto, que o conceito de “lugares de memória” nos propicia um entendimento mais vivo de história e ajuda a compreender que os suportes de preservação da memória aludem à obsessão pelo registro e pelo restauro porque também evocam o vírus da amnésia que ameaça consumir a própria memória (HUYSEN, 1996).

As novas redes de significações, construídas pela interação entre diferentes modos de olhar e de apreender a tradição, inseridas numa ordem em que a arte e a literatura abarcam outras perspectivas, convidam a partilhar, a reinventar e empreender uma ação “conscientemente” conjunta, propõem reavaliar espaços de exposições, que se abrem a rituais, e livros que também acolhem esses rituais, ainda que intermediados por exigências do mercado editorial. Essas propostas atuais, que distendem os sentidos alocados nos “lugares de memória”, são questões que nos desafiam, principalmente quando nos fechamos às mudanças que nos chegam velozmente, queiramos ou não enxergá-las. Em novas instalações, os suportes da memória e das tradições podem assumir coreografias inusitadas para atrair olhares diversificados, muito diferentes às vezes dos do seletor público que fazia de museus e de exposições um lugar de veneração ou continuarem a exigir do literário uma especificidade que ele não pode mais apresentar porque o impulso ao consumo exige às vezes transformações radicais. Todavia, ao se reformular o olhar distante, tão característico de propostas de museus e exposições antigas, obrigando-o a colocar-se em interatividade não apenas com outros espaços, mas com a curiosidade de um público diversificado, barulhento e, às vezes, irreverente, as novas propostas lidam, mais que nunca, com o desejo de salvar a memória do total esquecimento e por isso fortalece também o interesse por uma literatura que tem forte apelo de tradições localizadas. Talvez, porque se esteja chegando à conclusão de que memória e tradições são bens a serem compartilhados por todos, independentemente de classe ou credo, é que objetos, peças de tradições localizadas ou textos literários, que trazem para a página dos livros o rumor da língua e os rituais da convivência, motivam outras coreografias que insistem em preservar, ainda que ilusoriamente, a interação viva com um mundo que se desvanece. Talvez seja esse apelo que inscreve nas literaturas africanas de língua portuguesa um sentido de ativa resistência ao desmoronamento do mundo que reverenciam com palavras, gestos e com cantos que atravessam a escrita dos textos. E é essa ousadia que nos levam a percebê-las como “lugares de nossa memória”, porque atentas às tradições que desaparecem em África, assumem também o desejo de seus leitores de salvar do esquecimento as suas próprias lembranças.

Referências Bibliográficas

- COLOMBO, FAUSTO. *Os arquivos imperfeitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
BARBEITOS, ARLINDO. *Fiapos de sonho*. Lisboa: Vega, 1992.
CARVALHO, RUY DUARTE DE. *Hábito da Terra*. Luanda: UEA, 1988.
CARVALHO, RUY DUARTE DE. *Ondula savana branca*. Luanda: UEA, 1989.
CARVALHO, RUY DUARTE DE. *Vou lá visitar pastores*; exploração epistolar de um percurso angolano em território Kuvale (1922-1977). Lisboa: Cotovia, 1999.
DOMINGUES, DIANA (Org.) *A arte no séc. XXI; a humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997.
GONÇALVES, JOSÉ REGINALDO SANTOS. *A retórica da perda. Os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996.
HUYSEN, ANDREAS. *Memórias do Modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
NORA, PIERRE. *Les lieux de mémoire*, Paris: Gallimard, 1985.

ZUMTHOR, PAUL *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

Nota Bibliográfica:

¹ - Refiro-me, sem reproduzir literalmente as palavras do escritor, a declarações feitas por ele em palestra proferida na Faculdade de Letras da UFRJ, em 11/9/97.